

BCH-UFC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

FRANCINIR BATISTA DE LIMA

**BIBLIOTERAPIA: análise da percepção dos estudantes e profissionais do
Curso de Biblioteconomia**

FORTALEZA
2007

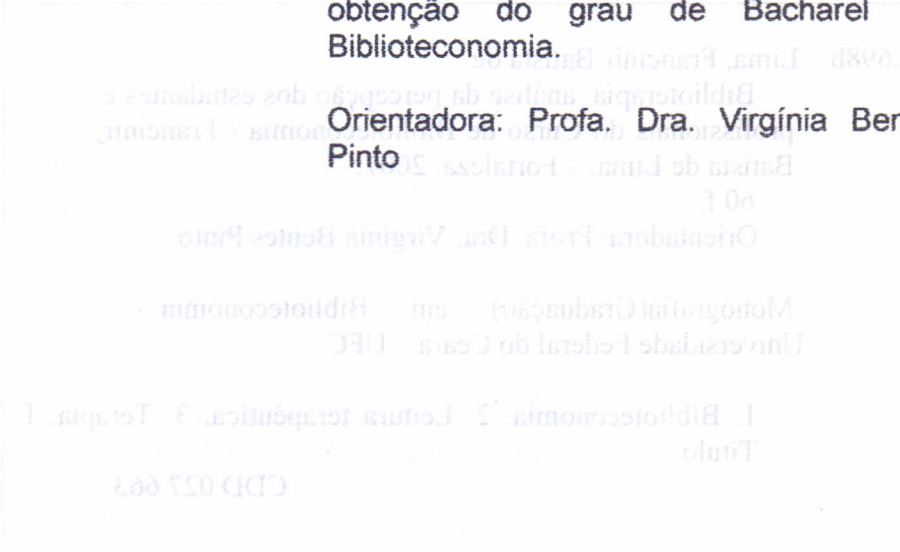


FRANCINIR BATISTA DE LIMA

BIBLIOTERAPIA: análise da percepção dos estudantes e profissionais do Curso de Biblioteconomia

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Virgínia Bentes Pinto



FORTALEZA
2007

FRANCINIR BATISTA DE LIMA

BIBLIOTERAPIA: análise da percepção dos estudantes e profissionais do Curso de Biblioteconomia

Monografia submetida ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: ____/____/____

Profª. Drª. Virgínia Bentes Pinto (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará

Profª Rute Batista Ponte
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dra. Ana Maria Sá de Carvalho
Universidade Federal do Ceará

Aos meus pais Maria Vilanir de Lima e Francisco Batista da Silva, meu irmão Tiago Batista de Lima e a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS com amor e confiança

Em primeiro lugar, à Deus por ter me ajudado a passar por esta etapa tão importante para mim, pois sem ele não teria chego ao fim desta caminhada.

À minha mãe, Maria Vilanir de Lima, que num exemplo de coragem e demonstrações de amor, pode educar-me, sendo a responsável mais direta para minha personalidade e força de vontade acerca das dificuldades da vida, contribuindo de forma direta para este trabalho.

Ao meu pai, Francisco Batista da Silva, que sempre acreditou em mim, dando-me subsídios para um crescimento constante, sem ele, hoje eu não estaria concluindo esta etapa tão importante, pois foi meu amigo acima de tudo, um amigo leal que sempre me deu forças para continuar e sempre acreditou que eu seria capaz.

Ao meu irmão e afilhado, Tiago Batista de Lima, que veio alegrar minha vida, e que foi companheiro primordial nas horas de desassossego., por ser uma criança cheia de energia e carinho, me causou muita felicidade, assim como me ensinou uma responsabilidade maior.

Agradeço à Rafaela Mendonça Bezerra, amiga afetiva constituída na universidade, com a qual muito aprendi, compartilhando de experiências novas e bastante enriquecedoras para meu crescimento, tanto pessoal quanto profissional.

Aos meus amigos, do Curso de Biblioteconomia da UFC que contribuíram para a consecução do trabalho, dentre eles: Tatiana Apolinário, Marksuel, Jamille Moraes, Danyelle Melo (que foi companheira inseparável durante os primeiros semestres de faculdade, e que, por força maior ainda está nesta caminhada), e Jonathas Luiz (amigo com quem dividi muitos problemas e pude contar com seu companheirismo).

Às minhas companheiras de sala que contribuíram grandiosamente para a realização deste trabalho: Marina Alves, Edmara Ferreira, Daniele Lima, Neuila Rocha da Silva, Dulcemir Dias, Michelle Gaya, Elizângela Tenório, Camila Moraes, Maria Neide e Ana Kelly .

Ao meu grande incentivador, Marciano Fonteles, que sempre acreditou que meu esforço valeria a pena, e os sacrifícios também e pelo seu auxílio e companheirismo, sempre.

Às minhas amigas, que me acompanharam desde o início de tudo: Joice Ponte e Roberta Alves, com as quais pude compartilhar várias experiências e ampliar os laços de interatividade e amizade.

Ao Antônio Filho que me acompanhou com lealdade e confiança durante a fase mais difícil desse caminho.

Ao Antônio Filho que me acompanhou com lealdade e confiança durante a fase mais difícil desse caminho.

Ao meu mais novo amigo Mardônio de Sousa Lima Filho, pelo auxílio e companheirismo durante minhas pesquisas e elaboração deste trabalho.

À bibliotecária da Bovespa Herbênia Gurgel, que foi uma contribuidora indispensável para a formação de minha visão, comportamento e desenvolvimento profissional, ensinando-me muito sobre a carreira e ética.

À minha supervisora da Cagece, Waleska Gurgel, pela compreensão e apoio, quando precisei estar ausente do trabalho.

À minha orientadora Virgínia Bentes Pinto, que acreditou e estimulou o desenvolvimento e consecução deste trabalho apesar das dificuldades, a maior delas o tempo.

A todos, sejam familiares, amigos, professores e outros, que me ajudaram nesta caminhada e acreditaram no meu potencial.

Para encontrar um significado mais profundo, devemos ser capazes de transcender os limites estreitos de uma existência auto centrada e acreditar que daremos uma contribuição significativa para a vida – se não imediatamente agora, pelo menos em algum tempo futuro.

(Bruno Bettelheim)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 TERAPIA E LEITURA.....	13
3 A BIBLIOTERAPIA.....	17
3.1 Histórico.....	17
3.2 Definições.....	20
3.3 Objetivos da Biblioterapia.....	22
3.4 O método biblioterapêutico.....	24
3.5 Onde e como aplicar a Biblioterapia.....	26
3.6 Literatura utilizada.....	30
4 A ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO.....	33
4.1 Aplicações da Biblioterapia.....	35
4.1.1 Experiência com crianças.....	35
4.1.2 Experiência com idosos.....	36
5 METODOLOGIA.....	38
6 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	41
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56
APÊNDICE.....	59

RESUMO

A biblioteconomia possibilita um amplo espaço de atuação para o profissional desta área. Encontra-se inserido neste espaço a Biblioterapia, que é uma atividade definida como o uso terapêutico da leitura, que se utiliza de textos escritos e de outros objetos lúdicos para auxiliar no tratamento de pessoas acometidas por doenças físicas ou mentais e até mesmo por momentos de dificuldade em suas vidas. O bibliotecário ainda não tem formação suficiente para atuar como biblioterapeuta, desde que o mesmo saia da universidade e não se especialize ou se prepare para tal, já que, a universidade não contribui para isso, pois no curso ainda não há uma disciplina que trate da Biblioterapia, nem professores capacitados para lecioná-la, o que faz concluir que depende do esforço somente do profissional para que esta atividade seja divulgada e se torne interessante. O estudo teve como ferramentas de apoio uma revisão bibliográfica acerca do assunto, bem como uma pesquisa dentre os profissionais e estudantes do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará. A partir daí foi feita uma reflexão da atividade e de seus benefícios, e que métodos são utilizados para a prática, bem como as pessoas a serem beneficiadas. Mais importante ainda nesse processo de reflexão é a valorização desta atividade que garante ser muito importante para o profissional da área e para as pessoas a serem tratadas.

Palavras-chave: Biblioteconomia – Terapia – Leitura terapêutica

ABSTRACT

The biblioteconomia makes possible an ample space of performance for the professional of this area. The Biblioterapia meets inserted in this space, that is a definite activity as the therapeutical use of the reading, that if it uses of written texts and other playful objects even though to assist in the treatment of people attacks for physical or mental illnesses and for moments of difficulty in its lives. The librarian not yet has formation enough to act as biblioterapeuta, since that the same skirt of the university and if does not specialize or if prepares for such, since, the university does not contribute for this, therefore in the course not yet has one disciplines that deals with the Biblioterapia, nor professors enabled to leciona it, what makes to conclude that only depends on the effort of the professional so that this divulged activity either and if becomes interesting. The study a bibliographical revision concerning the subject had as support tools, as well as a research amongst the professionals and students of the Course of Biblioteconomia of the Universidade Federal do Ceará. From then on a reflection of the activity and its benefits was made, and that methods are used for the practical one, as well as the people to be benefited. More important still in this process of reflection it is the valuation of this activity that very guarantees to be important for the professional of the area and them people to be treated.

Keywords: Biblioteconomia - Therapy - therapeutical Reading

1 INTRODUÇÃO

Já se sabe que a atuação do profissional bibliotecário no mercado de trabalho é bastante abrangente, desde que ele se mostre capaz e se lance para novos desafios, pois o bibliotecário possui subsídios para exercer suas atividades em diversos campos de trabalho. A biblioterapia é um destes desafios onde o bibliotecário tem a possibilidade de trabalhar de forma diferente desde que esteja disposto a ter uma educação continuada.

A importância da biblioterapia na vida diária pode ser comprovada como de grande importância social, posto que todo e qualquer tipo de terapia visa a melhoria na qualidade de vida e contribui para amenizar os problemas que certas pessoas enfrentam no dia-a-dia. A literatura mostra, por exemplo, que a biblioterapia é experimentada com pessoas portadoras de deficiências físicas, crianças com alguma doença grave, como o câncer ou ainda com pessoas que estejam enfrentando momentos especiais em suas vidas, mesmo que não possuam doença física diagnosticada.

A Biblioterapia ajuda a relaxar e tranquilizar as pessoas que enfrentam problemas e agressões do cotidiano, pois a leitura, de forma agradável, é, na verdade uma atividade que possui resultados bastante satisfatórios e já comprovados. Contudo, se faz necessário que, tanto os profissionais bibliotecários quanto a sociedade estejam mais a par dessa técnica e de seus objetivos, assim como de seus resultados esperados.

Autores como Pereira (1996), Bentes Pinto (2005), Pintos (1999) e Caldin (2001) mostram em suas pesquisas e estudos que os benefícios da biblioterapia podem contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas. Contudo, esta atividade parece ainda ser muito pouco conhecida em nosso meio, fato que despertou interesse para aprofundar nosso conhecimento sobre o tema em lide.

No Brasil, observamos que as experiências com o uso da biblioterapia já foram implementadas em vários estados, por exemplo, São Paulo, Pará, Santa Catarina, Curitiba, Ceará e Paraíba. Mesmo assim, as técnicas da biblioterapia ainda precisam ser mais divulgadas, tanto para aos profissionais bibliotecários como também para os profissionais da área de saúde, educação etc. e junto às organizações a fim de que o seu emprego traga benefícios àqueles que estejam enfrentando qualquer tipo de conflitos.

As vivências biblioterapêuticas podem ser experimentadas utilizando-se textos verbais e não verbais para que os participantes possam encontrar respostas para a catarse de seus conflitos. Neste sentido indagamos: qual é a compreensão que os estudantes de curso de biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará e os profissionais da área têm sobre biblioterapia? Como os estudantes de biblioteconomia e os profissionais da área percebem a interação com outros os profissionais visando o trabalho biblioterapêutico? Qual a importância da disciplina biblioterapia no currículo do Curso de biblioteconomia da UFC?

Para o desenvolvimento de nossa pesquisa definimos como objetivo geral analisar a compreensão que os estudantes do curso de biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará e os profissionais da área têm sobre a atividade biblioterapêutica. Deste objetivo geral decorrem os seguintes objetivos específicos:

- a) Estudar a percepção dos estudantes de biblioteconomia e dos profissionais da área acerca da interação com outros os profissionais visando o desenvolvimento de um trabalho biblioterapêutico;
- b) Investigar a importância da disciplina biblioterapia no currículo do Curso de biblioteconomia da UFC;
- c) Buscar experiências conhecidas dessa atividade, bem como o método utilizado para sua aplicação;

- d) Compreender o papel terapêutico da leitura junto às pessoas que estejam enfrentando doenças físicas ou psicosociais e conflitos no cotidiano, utilizando a literatura como suporte.

Este documento está estruturado em sete capítulos. No primeiro tratamos da problemática que permeia o assunto proposto, a justificativa e os objetivos a serem atingidos, bem como a estrutura do trabalho.

No segundo capítulo revistamos alguns conceitos de terapia e leitura, analisando historicamente a sua importância para a sociedade, além de fazermos as conexões entre estes dois conceitos e de que forma eles podem ser aplicados a fim de trazer benefícios para as pessoas.

O terceiro capítulo versa sobre a Biblioterapia em si mesma. Então trazemos uma pequena revisão de literatura, tratando primeiramente sua origem e evolução histórica, apresentamos algumas definições sobre o termo na visão de diferentes autores, bem como os objetivos a serem alcançados com essa técnica. Ainda neste capítulo discutimos o método biblioterapêutico explorando sua prática, ou seja, de que forma é aplicada, de que elementos ele é composto, em que locais são aplicados projetos e de que forma estes devem ser desenvolvidos. Assim, apresentamos algumas aplicações da Biblioterapia e seus resultados obtidos por profissionais capacitados a exercer a atividade, relatando experiências desenvolvidas com crianças e adultos internados em ambientes hospitalares.

A atuação do bibliotecário nas práticas biblioterapêuticas assim como algumas recomendações sobre a literatura a ser utilizada para o desenvolvimento destas práticas encontram-se no capítulo quatro. A metodologia, a análise dos dados e a discussão dos resultados são expostas, respectivamente, no quinto e sexto capítulo do trabalho, e, finalmente no sétimo e último capítulo estão apresentadas as considerações finais a respeito dos achados da pesquisa.

2 TERAPIA E LEITURA

A leitura é uma ferramenta para a evolução do homem, desde os primórdios. Quando há muitos anos o homem pintava nas paredes das cavernas o que era denominado pictografia. E, segundo a literatura existente, com o avançar da criatividade humana, o sinal se libertou do objeto e a linguagem adquiriu a sua verdadeira natureza que é oral. O que possibilitou a comunicação e o relacionamento com outros homens.

Na antiguidade, o conhecimento era transmitido oralmente. Por isso, a oratória era a base dos ensinamentos, sendo através do diálogo que os mestres ensinavam os aprendizes. Em razão das dificuldades de publicar e divulgar as obras escritas, o leitor daquela época era por natureza um ouvinte. O encontro entre leitores e não leitores possibilitava mais contato no sentido de resignificar os textos.

A difusão da escrita, com a invenção de Gutemberg, percorreu um árduo caminho de aceitação por parte dos clérigos e eclesiásticos. Estes queriam monopolizar o conhecimento por acreditar que popularizar o saber teria o mesmo valor de uma profanação. SEITZ (2000, p. 36).

Durante muito tempo a leitura ficou restrita à esfera clerical, porém, em meados do século XI, com o aumento das atividades comerciais e manufactureiras, que contribuíram para o crescimento das zonas urbanas, a Igreja começou a perder, pouco a pouco, o poder sobre o ensino e, devido ao desenvolvimento econômico e social, aumentou a necessidade de instrução da população. Com isso, a implantação de escolas públicas gradativamente passou a crescer.

Atualmente, a leitura é utilizada de diversas formas, seja para atingir o conhecimento, ou, como uma forma de se estar em transição entre a realidade e a ficção, com a finalidade de estimular a emoção produzindo diversos tipos de

sentimentos. Dentre estes, destaca-se o alívio para angústias e medos, simples prazer, a saudade etc.

Além do prazer do texto, a leitura oferece ao leitor, por identificação e cooperação textual, por apropriação e projeção, a possibilidade de descobrir uma segurança material e econômica, uma segurança emocional, uma alternativa a realidade, uma catarse dos conflitos e da agressividade, uma segurança espiritual, um sentimento de pertencimento, a abertura a outras culturas, sentimentos de amor, o engajamento na ação, valores individuais e pessoais, a superação das dificuldades etc. (OUAKNIN, 1996, p. 18).

A leitura requer uma interpretação e isto pode resultar em um processo terapêutico, posto que pode evocar a idéia de liberdade, pois permite a atribuição de vários sentidos ao texto. É através dela que os limites da realidade são ultrapassados através de personagens e idéias que podem ser fictícios. A leitura também pode provocar conflitos para o leitor e este rejeita o que lhe desgosta e valoriza o que lhe dá prazer, dando vida e movimento às palavras, numa recordação de caminhos já traçados e numa busca de novos caminhos, pois ela permite um aprendizado e uma identificação com o universo apresentado. Sobre a leitura terapêutica, podemos dizer que ela pode auxiliar o leitor fazendo com que ele se encontre em razão dos sentidos que ele mesmo constrói sobre o texto lido, acarretando um resultado positivo no seu tratamento. O autor continua seu pensamento afirmando que:

Todavia, a leitura como diálogo também implica que o texto tenha algo a dizer que lhe é próprio e que resiste à pura subjetividade do leitor. Pois, se o texto não tivesse essa força, ele seria apenas um espelho permitindo a projeção do leitor. Todos os textos, então, poderiam ser trocados uns pelos outros, isto é, no fim das contas haveria a sua inexistência. A estrutura dialógica da leitura oferece ao leitor uma posição intermediária entre a auto-supressão do intérprete, postulada pelo positivismo, e o perspectivismo generalizado de Nietzsche, por exemplo. (OUAKNIN, 1996, p.189).

Na literatura existente sobre o tema, observou-se que palavra "terapia", no hebraico e em grego, tem o sentido de prevenção e prospecção, ou seja, muito mais do que uma cura. Portanto, a palavra "terapeuta" tem o sentido de "aquele

que cuida". E um terapeuta não deve se ocupar somente com o corpo-objeto, mas também daquilo que anima o corpo e o mantém vivo: a alma.

De acordo com Ouaknin (1996, p. 21), para os gregos, "terapia", significa "cuidar do ser". Devendo o terapeuta "desfazer não somente os nós da alma que são um entrave à vida e à inteligência criadora, mas também os nós da linguagem". Assim, o papel do terapeuta é o de observar as tensões e barreiras, que impedem a manifestação da alma no corpo, tentando amenizar as dores e sofrimentos que as doenças físicas trazem ao emocional das pessoas. O ser humano vivo é um corpo falante, e o terapeuta é aquele que cuida da palavra que anima e informa o corpo. Para curar alguém é preciso fazê-lo falar e observar que as palavras são o instrumento essencial do tratamento do espírito, já que as mesmas convencem, emocionam e influenciam.

É interessante atentar para um texto sobre psicoterapia, onde Freud (1890 apud OUAKNIN, 1996, p.14) fala das palavras:

As palavras são os instrumentos mais importantes da influência que uma pessoa procura exercer sobre outra; as palavras são bons meios para provocar modificações psíquicas naquele a quem são dirigidas, e é por isso que doravante nada mais há de enigmático na afirmação segundo a qual a magia da palavra pode afastar os fenômenos mórbidos. (apud OUAKNIN, 1996, p.14).

A literatura nos mostra vários conceitos que chegam a uma conclusão definitiva¹: a leitura e narração de textos literários possuem efeitos terapêuticos. Através da leitura, como afirma Caldin (2001), podemos nos separar de uma infinidade de malefícios pelos quais passamos no dia a dia. Pois o leitor pode identificar-se com um personagem ou com algumas das experiências específicas que vai encontrar em suas leituras, sendo capaz de purificar-se de sentimentos ou pensamentos reprimidos, podendo também aceitar a realidade mais prontamente, ao ler e aprender que seu problema não é único.

¹ Utilizou-se, para esta conclusão, de várias leituras acerca do que aborda o tema biblioterapia, fundindo-se os pensamentos de vários autores num só.

Ao analisar a função terapêutica da leitura, Caldin (2001, p.1) argumenta que ela admite inúmeras possibilidades e proporciona as chamadas purificações das emoções.

[...] Remontando a Aristóteles, observa-se que o filósofo analisa a liberação da emoção resultante da tragédia – a catarse. O ato de excitação das emoções de piedade e medo proporcionaria alívio prazeroso. A leitura do texto literário, portanto, opera no leitor e no ouvinte o efeito de placidez, e a literatura possui a virtude de ser sedativa e curativa. (CALDIN, 2001, p.1).

Com a percepção de que não está sozinho no mundo, com seus problemas, ou seja, que ele não é único, este parece menos amedrontador e o faz crer que pode ajudar a reduzir os sentimentos de inferioridade porventura existentes, tanto seus, quanto de outras pessoas em situação parecida. De certa forma até motivando o paciente a ajudar-se e ajudar ao próximo. Pois ele sente-se mais seguro e a fé passa a fazer parte de sua vida dentre outros sentimentos.

² Catarse pode ser entendida como purificação, alienação, a transformação de uma

3 A BIBLIOTERAPIA

3.1 Histórico

Antes de definir o termo Biblioterapia como um método de terapia que utiliza da leitura como matéria-prima, é necessário fazer um levantamento histórico, pois cabe ressaltar que o termo possui uma evolução histórica.

Acredita-se que na Roma Antiga, já se praticava a Biblioterapia (não ainda com esse termo). Era recomendada a leitura dos grandes oradores latinos com o objetivo de desenvolver a capacidade crítica e psicológica dos pacientes.

Já na Grécia antiga, o conceito de curar por meio de livros fazia parte de sua cultura. Nas bibliotecas da antiguidade apareciam dizeres como "remédios para alma", ou "medicina para a alma", enfatizando que os antigos já percebiam a importância da literatura como um agente social transformador. Famosos por suas tragédias, os gregos reconheciam a importância do enredo de uma história por seu máximo impacto terapêutico. Aristóteles acreditava no efeito catártico² e salientava que a mera experiência de uma tragédia purgava a doença de seu público, deixando as pessoas saudáveis e conscientes. A arte trágica de purgação pode ter sido exclusiva da cultura grega, mas a ideia básica da leitura para "limpar" a alma invadiu outras culturas através da história.

No século XVIII, foi criado o movimento filantrópico que levou a leitura aos hospitais, os livros começaram a ser usados como tratamento para doentes mentais na França, Inglaterra e Itália. As bibliotecas tornaram-se parte da grande maioria dos hospitais psiquiátricos europeus até 1900. Nos Estados Unidos, o primeiro hospital psiquiátrico do país, fundado em 1751, empregava métodos auxiliares no tratamento dos doentes que incluíam a leitura, a escrita e a publicação dos seus escritos em um jornal intitulado "The Illuminator".

² Catarse pode ser entendida como pacificação, serenidade e alívio das emoções.

No século XIX, John M. Galt defendeu a leitura nas clínicas uma vez que, segundo ele, essa leitura:

- a) afastava os pensamentos menos saudáveis;
- b) informava;
- c) criava divertimento;
- d) melhorava a atitude dos pacientes perante a terapia; mostrava o interesse que o hospital tinha pelo doente.

Durante o século XIX, o uso de livros para pacientes psiquicamente enfermos passou a ser incluído por muitos médicos norte-americanos como parte do tratamento. Já nas escolas, livros foram usados não apenas como instrumentos de ensino, mas também como recursos para a construção do caráter e o desenvolvimento de valores positivos nos alunos. Em 1802, Benjamin Rusch foi o primeiro norte-americano a recomendar a leitura para doentes de um modo geral e, em 1810, recomendou a biblioterapia como apoio à psicoterapia para pessoas portadoras de conflitos internos, depressão, medos ou fobias, assim como para idosos.

Porém, foi no século XX da década de 1930 que o termo Biblioterapia surgiu. Porém, somente a partir da década seguinte é que provocou certo impacto e sua intensificação na área médica, onde esta passou a ser tratada como ciência. Em 1936, Marie-Madeleine Famin definiu a função da leitura enquanto Biblioterapia. Segundo a autora, a leitura deveria dar prazer e distração aos pacientes de um hospital, deveria estabelecer laços de ligação com a realidade do doente e deveria promover a auto-estima desse mesmo doente, formando-o tanto moral como espiritualmente.

Com o surgimento de bibliotecas em hospitais americanos, a *American Library Association* (ALA) utilizou o modelo para aplicá-lo em programas das forças armadas oferecidos aos veteranos da Primeira Guerra Mundial e, posteriormente, aos da Segunda Guerra Mundial.

A partir de 1941, foi desenvolvida a primeira definição de biblioterapia. Outro momento importante foi quando Ilse Bry formada em filosofia, psicologia e biblioteconomia, escreveu seu trabalho em 1942 com o título: Aspectos médicos da literatura: um esboço bibliográfico, onde relaciona os quatro diferentes aspectos da literatura: aplicação médica da literatura, a medicina na literatura, análises médicas da literatura e estudos das respostas à literatura.

Caroline Shrodes foi uma autora de vários livros sobre o uso da literatura como recurso terapêutico, ela iniciou seus estudos sobre a técnica em 1943, e em 1949, com sua tese intitulada *Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study*, recebeu o doutorado em Filosofia e Educação na Universidade de Berkeley, na Califórnia. Tornando-se a primeira pessoa com Ph.D. em Biblioterapia.

A partir de 1970, surgem cursos sobre a técnica de biblioterapia e, em 1973, Arleen Hynes desenvolve um programa de treinamento específico de dois anos de duração. A relação entre o psíquico e a literatura também foi de interesse de outros grandes teóricos, como Freud e Vyigotsky. Freud realizou seus estudos a partir de observações psicanalíticas da arte poética dos gregos, dos escritos de Shakespeare e Dostoiewski. Vyigotsky concentrou sua análise na psicologia infantil.

A Biblioterapia como recurso psicoterapêutico foi se desenvolvendo primeiramente em hospitais e clínicas de saúde mental que tinham como objetivo a cura e o restabelecimento de pessoas com sérios transtornos emocionais e de comportamento, caracterizando o seu caráter corretivo. Seguidamente passando a ser aplicada junto a crianças, adolescentes e jovens, em outros ambientes como escolas, bibliotecas e centros comunitários, ganhando um aspecto preventivo, passando a ser um trabalho multidisciplinar.

3.2 Definições

Afinal o que é Biblioterapia? Conforme afirma Pereira (1996, p.52), em 1941, o Dorland's Illustrated Medical Dictionary, definiu pela primeira vez o termo biblioterapia como o emprego de livros e de leituras no tratamento de moléstias nervosas. E, o primeiro dicionário não especializado a registrá-la foi o Webster's Third New International Dictionary, em 1961, definindo como adjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia e também como guia na solução de problemas penais através da leitura dirigida.

Conforme afirma Pereira (1996, p.52), em 1941, o Dorland's Illustrated Medical Dictionary, definiu pela primeira vez o termo biblioterapia como o emprego de livros e de leituras no tratamento de moléstias nervosas. E, o primeiro dicionário não especializado a registrá-la foi o Webster's Third New International Dictionary, em 1961, definindo como adjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia e também como guia na solução de problemas penais através da leitura dirigida.

A palavra biblioterapia é composta de dois termos de origem grega, "livro" e "terapia". Deste modo, a biblioterapia é a terapia por meio de livros. Esta definição, que parece simples, implica um conjunto de questões complexas. O que é um livro? O que é leitura? O que é uma doença e que sentido dar à palavra "terapia"? Será somente a "cura"? (OUAKNIN, 1996, p.11)

Considera-se a Biblioterapia como a prática de usar livros ou outros objetos lúdicos sobre assuntos específicos ou temas para ajudar determinadas pessoas a lidar com os seus problemas. Ao ler ou ouvir uma história, o paciente se depara com um personagem e, através da ilusão estética, distancia-se internamente dos seus próprios afetos, podendo se identificar com esse outro e participar de sua experiência; ao mesmo tempo, encontra a possibilidade de encarar seu próprio problema, sem medo, ansiedade ou autocrítica. Conscientizando-se de que ele não é o único a passar por determinado problema e, dessa forma, adquire forças para suportar a dor e lutar para uma melhoria ou estabilidade.

Há diversas definições de biblioterapia, de autores diversos, bibliotecários, educadores, médicos e psicólogos, com suas próprias interpretações. Uma delas é a de Tews (1970 apud PEREIRA, 1996, p.53) que a define como sendo "um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais de leituras, planejadas, conduzidas e controladas como um tratamento, sob orientação do médico para a solução de problemas emocionais ou outros".

Segundo Pintos (1999, p.19), todo terapeuta conhece bem o valor e o efeito da palavra. Assinala três elementos que acentuam esse valor no contexto terapêutico: o valor da palavra pelo seu caráter ético e estético, da mensagem e da forma; a palavra dita por alguém investido de valor, ou seja, a palavra do terapeuta; a permeabilidade com que geralmente recebe a palavra quem está necessitando dela, ou seja, quem está a procura de respostas.

Isso deixa claro que, na Biblioterapia, é importante e fundamental também o comentário que é adicionado a literatura. Assim o ler e o falar conduzem a uma reflexão que vai de encontro a muitas verdades, pois o texto tem diversos sentidos, dependendo do leitor e sua interpretação. Dessa forma também ocorre com as conclusões que são retiradas dele.

Lembra Caldin (2001) que Caroline Shrodes, em 1949, foi a primeira PHD em Biblioterapia e sua tese intitulada "Biblioterapia um estudo teórico e clínico experimental" lançou as bases da Biblioterapia atual, sendo, por esse motivo, muito referenciada entre os autores que tratam do tema. Ela definiu Biblioterapia como a prescrição de materiais de leitura que auxiliam o desenvolvimento da maturidade e que nutrem e mantêm a saúde mental. Incluíram na Biblioterapia publicações como: romances, poesias, peças teatrais, filosofia, ética, religião, arte, história e livros científicos.

Então é percebido que a Biblioterapia oferece muito mais que a possibilidade da cura para determinados males, pois ela também serve como uma atividade recreacional, sendo, dessa forma, preventiva. Podendo

proporcionar momentos de descontração fazendo com que as pessoas envolvidas passem por momentos de alívio das tensões diárias.

Em outro momento, Caldin (2001), propõe outro conceito de biblioterapia, afirmando que ela é percebida como uma leitura dirigida e discutida em grupo, que vem a favorecer uma interação entre as pessoas participantes, tanto as pessoas a serem tratadas como as que estão aplicando, levando-as a expressarem seus sentimentos, tanto os receios, quanto angústias e seus anseios. Partilhando, dessa forma, umas com as outras, seus problemas, numa troca de experiências e valores.

3.3 Objetivos da biblioterapia

A Biblioterapia é uma técnica que se utiliza do racional do indivíduo, atuando nos níveis intelectuais, psicológicos, emocionais e comportamentais do paciente bem como na sua percepção, compreensão, capacidade cognitiva e em seu emocional para obter mudança de comportamento através do autoconhecimento. Em sendo assim, compreendemos que seu objetivo principal é de buscar uma cura através do auto-conhecimento, de forma que isso ocorra através da interação entre o indivíduo e outras pessoas, tendo como ponte a leitura, ou somente o indivíduo e a leitura.

De acordo com Pintos (1999, p. 37), a Biblioterapia consiste em assistir o paciente na superação de seus conflitos psíquicos, seja de ordem emocional, moral, social, pela leitura de um texto sobre tal assunto. O texto escolhido para leitura serve para reforçar o trabalho psicoterapêutico e como trampolim para discussão e análise do problema. Como recurso terapêutico, a Biblioterapia resgata a palavra escrita em toda obra que, intencionalmente ou não, destina-se para esse efeito.

A Biblioterapia permite que o leitor verifique suas emoções em paralelo às emoções dos outros, quando ele enxerga que seu problema não é único e já foi

vivido por outros, pode, assim administrar melhor seus conflitos, dentre outros, pelo aumento da auto-estima. Isto faz com que ele perceba várias outras possibilidades de encarar outras experiências dolorosas, ajudando-o a enfrentar sua situação de forma realista, podendo conduzi-lo à uma ação diante do fato.

Em seus estudos, Bryan (1939 apud PEREIRA, 1996, p.61), chama a atenção para cinco aspectos fundamentais na implantação de trabalhos biblioterapêuticos estabelecendo como seus principais objetivos:

- a) evidenciar para o leitor que ele não é o primeiro a sentir o problema;
- b) fazê-lo ver que existe mais de uma solução;
- c) ajudá-lo a ver os valores envolvidos na sua experiência em termos humanos;
- d) oferecer fatos necessários para a solução de tal problema e
- e) encorajá-lo a encarar de forma realista seu problema.

Também é de interesse biblioterapêutico que se traga ao leitor uma melhor forma de compreensão por parte dele, diante do mundo, ou seja, diante dos fatos e das emoções, de forma que ele possa encarar e contornar da melhor forma possível, para que seu problema seja amenizado. Estimular novos interesses e valores para que ele possa ter maior segurança de seus pensamentos. Para que isso ocorra, é claro que o paciente deve também entender melhor suas próprias reações psicológicas e físicas de frustração.

Ajudar o indivíduo a se libertar de medos e obsessões também é um de seus objetivos, quando se trata de pacientes psiquiátricos, bem como prevenir o aumento de possíveis tendências neuróticas causadas por algum distúrbio ou trauma.

Dentre outros objetivos podemos citar o que consiste em o paciente se identificar com os personagens; aliviar as tensões diárias; facilitar uma socialização pela participação em grupo; criar um outro universo independente da

vida cotidiana; auxiliar os pacientes na adaptação da vida hospitalar, no caso de pacientes internados.

3.4 O método biblioterapêutico

O método biblioterapêutico está concentrado em poder proporcionar ao leitor-paciente uma infinidade de sentimentos por meio da liberdade do pensamento, que é atingida de acordo com a interpretação dos textos lidos. E, esta interpretação depende da vivência de cada um e do que lhe foi adquirido com o passar do tempo em experiências de vida, pode-se notar diferentes formas de interpretar um só texto, considerando-se todas corretas, e assim partilhadas entre si, num grupo.

Segundo Caldin (2001), a maioria dos textos utilizados nessa atividade é fábulas e contos, ou seja, literatura fictícia, pois se sabe que “a linguagem metafórica conduz o homem para além de si mesmo; ele se torna outro, livre no pensamento e na ação” (CALDIN, 2001, p.5), facilitando, dessa forma o trabalho e o envolvimento entre os participantes. Sendo assim, é proporcionado ao leitor um outro mundo diferente do que está acostumado em sua rotina. Contudo, Pintos (1999) argumenta que inúmeros outros textos podem ser utilizados na atividade biblioterapêutica, pois, não é o biblioterapeuta em si mesmo que constrói o sentido sobre a leitura, porém o sujeito que está vivenciando experiências conflituosas e dolorosas.

Não somente a leitura, mas também a discussão dos textos lidos é fundamental para que haja êxito na biblioterapia, pois, o diálogo é o fundamento da biblioterapia, segundo Clarice Caldin (2001). E, entre os parceiros do diálogo há o texto que funciona como intermediário. O compartilhamento das opiniões e interpretações é de fundamental importância no processo, pois um pensamento completa o outro.

No diálogo biblioterapêutico é o texto que abre espaço para os comentários e interpretações que propõem uma escolha de pensamento e de comportamento. Assim, as diversas interpretações permitem a existência da alteridade e a criação de novos sentidos. A biblioterapia não se confunde com a psicoterapia, posto que esta última é o encontro entre paciente e terapeuta e a primeira se configura como o encontro entre ouvinte e leitor em que o texto desempenha o papel de terapeuta. Além da leitura, os comentários, os gestos, os sorrisos, os encontros são também terapêuticos à medida que fornecessem a garantia de que não estamos sozinhos. O texto une o grupo. (CALDIN, 2001, p.6).

Clarice Caldin em seus trabalhos, classifica em seis os componentes biblioterapêuticos, que são estes:

- a) catarse, que pode ser entendida como a pacificação e alívio das emoções. Aqui, as palavras têm o poder de convencer, emocionar e influenciar;
- b) o humor, que é, de acordo com Freud (1969, apud CALDIN, 2001, p. 7): “a rebelião do ego contra as circunstâncias adversas, transformando o que poderia ser objeto de dor em objeto de prazer.”;
- c) a identificação, tido como um processo psicológico pelo qual o sujeito assimila um aspecto do outro e se transforma, total ou parcial, segundo o modelo desse outro.
- d) a introjeção, onde o sujeito faz passar, de fora pra dentro, objetos e qualidades inerentes a esses objetos;
- e) a projeção, que é onde o indivíduo transfere aos outros suas idéias, sentimentos, intenções, expectativas e desejos;
- f) a introspecção, que faz com que o leitor reflita sobre seus sentimentos, “o que é terapêutico, pois sempre desponta a possibilidade de mudança comportamental.” (Caldin, 2001, p.8).

E todos esses componentes se fundem num só momento por meio da atividade da biblioterapia, aplicada de forma completa e acompanhada, pois o mais importante da biblioterapia está no contato entre o profissional e o paciente, e entre os próprios pacientes. É neste momento que o paciente vai dividir e somar interpretações e experiências.

3.5 Onde e como aplicar a biblioterapia

A Biblioterapia tem sido aplicada em hospitais, prisões, asilos, creches, escolas, e no tratamento de problemas psicológicos em crianças, adolescentes, adultos, idosos, deficientes físicos, doentes crônicos, viciados e delinqüentes em processo de recuperação.

[...] as histórias lidas às crianças amenizaram sua situação incapacitante e proporcionaram alívio temporário das dores e dos medos advindos da doença e do ambiente hospitalar. O resgate do sonho, do imaginário e do lúdico forneceu um suporte emocional às crianças enfermas. Os registros dos leitores de histórias corroboraram a eficácia da biblioterapia em explorar a literatura infantil como integradora no processo de cura que envolve mente e corpo. (CALDIN, 2001, p. 8, apud CALDIN, 2001, p. 10):

O uso do livro causa uma diminuição da ansiedade do ser humano, faz com que, nele, sejam despertados novos interesses, além de a leitura contribuir para a amenização dos problemas por meio da catarse. A literatura nos oferece vários registros de experiências feitas com jovens e adultos utilizando técnicas biblioteconômicas. As experiências efetivadas por Caroline Shrodes foram inúmeras. Nos estudos de Caldin (2001, p. 8) são mencionados vários deles: no tratamento de delinqüentes juvenis, em clínicas, por exemplo, na Menninger, onde seus propósitos eram de oportunizar recreação e interação social, fortalecendo seu ego e assistindo-o no contato com sua realidade externa. A Biblioterapia foi utilizada também pela mesma clínica no tratamento da depressão e no auxílio psicológico do tratamento hipoglicêmico da esquizofrenia.

Sabemos que o livro é usado como seu principal objetivo a transmissão do conhecimento. Nas escolas ele é a ferramenta primordial para a educação e a biblioteca é um elemento indispensável, pois a necessidade da busca de informações de diversas fontes é fundamental para que haja um confronto de idéias e um acúmulo maior na carga de conhecimento adquirido. O estudante aprende a tirar suas próprias conclusões do que está lendo, e, assim, formando sua própria opinião acerca do assunto.

Atualmente, com as modificações nos métodos didáticos, os estudantes necessitam de realizar pesquisas, buscar informações, confrontar opiniões de diferentes autores. Isso age como estímulo para que o educando não acumule só conhecimentos de outros, mas que forme seu próprio patrimônio intelectual e saiba operar, comparar, criticar e utilizar o que aprendeu. (SEITZ, 2000, p. 29).

Na medicina e na psiquiatria, essa atividade é aplicada com a finalidade de prevenir e curar, respectivamente. Pois ao estar em um leito de hospital, principalmente por um período significativo, o paciente tende a ficar depressivo por não poder exercer suas atividades rotineiras, além de estar atormentado pela doença, que às vezes é muito grave. Então, a leitura aplicada de forma terapêutica ajuda a evitar certas anomalias psíquicas, que podem ocorrer pelo sentimento de fragilidade e de dor. Já na psiquiatria ela tende a ajudar na cura de quem já está doente, ou seja, no indivíduo que já possui distúrbios psíquicos instalados.

Assim como a aplicação de qualquer outra atividade, a biblioterapia também necessita de determinados critérios para seu sucesso. Ou seja, é necessário que haja uma análise, um planejamento bem estruturado do que será realizado, com antecedência para que os resultados esperados sejam obtidos com satisfação.

A começar pelo estudo de comunidade, o biblioterapeuta deve conhecer o perfil do paciente a ser tratado, partindo de pressupostos bem básicos, como: idade, escolaridade, área de interesse, bem como a doença a que ele está acometido, que frustrações ele aparenta ter etc. Vejamos:

[...] um programa de biblioterapia deve considerar também o objetivo, para o qual a atividade será utilizada. Em outras palavras, as pessoas e suas necessidades são particulares, portanto, um programa de biblioterapia deve ser construído em função de seus interesses e das circunstâncias concretas que cada participante vivencia. Esclareço, porém: a concretização de um programa de biblioterapia demanda espaço apropriado, que possa contribuir para que o leitor se expresse por gestos e palavras, e onde o biblioterapeuta possa interagir com ele, encorajando-o em suas expressões a fim de que possa encontrar respostas pra seus conflitos. (BENTES PINTO, 2005, p. 41)

A experiência da qual iremos tratar diz respeito a atividade de Biblioterapia desenvolvida pela professora Clarice Fortkamp Caldin³ e os alunos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina, aplicada à crianças hospitalizadas. Um projeto chamando "Biblioterapia: programa de leitura para crianças internadas no Hospital Universitário"⁴.

Pelo fato de as crianças internadas estarem afastadas do lar e dos amiguinhos, achou-se adequado aplicar tal atividade para que fossem amenizados seus problemas. De acordo com os dados relatados por Caldin (2002), o objetivo primordial do projeto foi promover a leitura de histórias com fins terapêuticos entre as crianças internadas. E, como objetivos secundários o favorecimento de uma identificação da criança com os personagens, a introjeção e introspecção entre as crianças em fase escolar, ajudá-las a entender melhor seus limites e frustrações, facilitar a comunicação delas com a equipe médica, diminuir a timidez, ansiedade, o estresse e as tensões diárias, e aumentar a criatividade, fazendo com que elas consigam criar um universo diferente da vida cotidiana e facilitar a socialização através da participação em grupo.

No que diz respeito à aplicação da biblioterapia com crianças e também com analfabetos através da leitura de textos verbais, o responsável pela atividade deve ter habilidades para contar história e conhecê-las com absoluta segurança, para que possa narrá-las com naturalidade e expressão viva, de forma que venha a facilitar na sua compreensão e desperte o interesse dos envolvidos.

Com idosos ela é usada tanto para o alívio de ansiedades como na transmissão de conhecimentos e de informações acerca do processo de envelhecimento, bem como para esclarecimentos diversos sobre vários assuntos interessados a eles, mas, algumas vezes, considerados, "proibidos", pelo próprio idoso. É o que afirma Seitz (2000). Sendo, dessa forma, uma atividade que trás uma socialização e uma nova motivação no paciente idoso.

³ Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina e professora do Departamento de Ciência da Informação da mesma universidade.

⁴ Projeto de extensão universitária coordenado pela professora Clarice Fortkamp Caldin.

Carmélia Regina de Mattos⁵ e Márcio Pedro Carvalho Pataro de Queiroz⁶ (2003) desenvolveram uma experiência de biblioterapia com os idosos do Abrigo do Salvador⁷. Foram aplicadas duas técnicas de leitura, uma individual, para os que dominavam a leitura, e outra coletiva, para os que não dominavam a leitura. Os objetivos principais a serem alcançados com a experiência era manter o idoso integrado ao ambiente social, já que as pessoas nessa idade tendem a se isolar umas das outras, cada uma em seu mundo, através da educação continuada e desenvolver a auto-estima.

Segundo afirmam Mattos e Queiroz (2003) a atividade foi aplicada com idosos maiores de 65 anos, que passam por uma avaliação social e médica. Alguns são pacientes crônicos e portadores de deficiências visuais. No que diz respeito ao nível de escolaridade, temos 40% sem escolaridade, 30% com curso elementar, 25% com curso secundário e 5% têm curso superior. O principal objetivo da experiência foi utilizar a biblioterapia como recurso recreacional e ocupacional, promovendo atividades como forma de lazer, aumentar a auto-estima e atitudes sociais entre os idosos. Foram aplicadas as técnicas de leitura individual e de leitura coletiva.

A leitura individual foi aplicada aos indivíduos que dominam a leitura da palavra escrita. O facilitador acompanhava o trabalho de leitura, onde foram relatados os fatos vivenciados e comentários sobre as leituras. Observando-se o interesse dos participantes, sobretudo dos idosos do sexo masculino. Foram utilizados romances, contos, poesias, histórias e periódicos como "Veja", "Isto é", e outras que tratam da vida dos artistas, modas, assuntos atuais etc, deixando claro que o idoso não está alienado do mundo e ainda possui interesses no que diz respeito ao que se passa a sua volta dentro da sociedade.

⁵ Professora do Instituto de Ciências da Informação.

⁶ Concluinte do Curso de Biblioteconomia – ICI.

⁷ Encontrado no endereço eletrônico: <http://biblioteca.estacio.br/artigos/009.htm>

A leitura coletiva era para indivíduos que não dominavam a leitura ou eram impedidos de ler, por exemplo, os portadores de deficiência visual. A princípio, surgiu um empecilho a ser quebrado: a dificuldade de se juntarem. Porém quando isso foi conseguido, ocorreu tudo como o esperado. A atividade foi aplicada e o mais interessante era ouvir a opinião de cada um. O pluralismo interpretativo dos comentários do texto deixa claro que cada um pode manifestar sua verdade e ter sua visão do mundo, já que o texto abre espaço para os comentários e interpretações, propondo uma escolha de pensamentos e de comportamentos, e esse é o sentido da Biblioterapia. O biblioterapeuta deve demonstrar sentimento durante as leituras, mas sem influenciar na sua interpretação, pois ele precisa estar atento às necessidades dos pacientes de forma que venha contribuir para melhorar os seus conflitos.

Um importante método para a escolha do material a ser utilizado nas práticas biblioterapêuticas, segundo Fontenele et al. (2000) é a identificação das condições de saúde dos pacientes, ou seja, o diagnóstico, o tratamento, o tempo de hospitalização etc.

É valioso ressaltar que a biblioterapia não se restringe ao livro, ou seja, ao pensamento escrito, mas sim ao poder da palavra, é o poder das reflexões feitas pelo biblioterapeuta juntamente com o paciente que vai ter algum valor diante da situação vivida. E isso vai de encontro ao pensamento de Bentes Pinto (2005) quando afirma que a biblioterapia utiliza outras ferramentas, utilizando de diversas de leitura, como, por exemplo jogos, imagens, música, u seja, uma leitura não verbal.

3.6 Literatura utilizada

Algo de fundamental importância para que sejam atingidos os objetivos da biblioterapia é a seleção das obras que serão utilizadas durante as vivências. Para isso deve ser observado o público para o qual se destina, ou seja, o tipo de

paciente que passará pelo tratamento. Isso deverá ser avaliado de acordo com os conhecimentos adquiridos pelo profissional que fará uma espécie "estudo de usuários".

Considerando-se o que já tem registrado acerca do assunto, temos que, para o público infantil, o mais recomendado são os contos de fadas, em que os textos são demasiadamente fantasiosos e estimula a criatividade e imaginação da criança, fazendo com que elas compreendam os sentidos do texto e estabeleça uma relação com sua própria vida.

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claro suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (BETTELHEIN, Bruno, 1980, p. 13)

Caldin (2004) fez um estudo acerca da aplicabilidade terapêutica de algumas histórias infantis e afirma que a fantasia contida nos contos de fadas permite que a criança tenha um melhor entendimento da realidade, além de proporcionar-lhe momentos prazerosos, pois quando ela se identifica com um personagem, vivencia com ele as situações de aventura, às vezes impossível na vida real.

Para o público infantil, a literatura infantil chega a ser a mais prazerosa e a mais produtiva no que se refere a um desenvolvimento de uma personalidade. Geralmente os textos direcionados ao leitor infantil, têm um caráter educativo e com "lições de vida", o que chamamos de "moral da história". A criança lê e absorve determinados ensinamentos de vida do texto. Coloca-se no lugar da

personagem e penetra na história como se fosse dona dela. Aprendendo a partir daí o que é certo e errado em se tratando de comportamento humano.

A literatura infantil é fascinante para a aplicação da Biblioterapia, porém para cada caso há uma literatura adequada e, também, bastante eficaz. Nos casos de sua aplicação com idosos, podemos utilizar textos específicos voltados para esse público que venham a tratar de seus medos, ansiedades, dúvidas e uma certa resposta para o que lhes falta entender nessa fase de vida, muitas vezes temida e rejeitada. Dando-lhes mais esclarecimento e uma maior aceitação por parte daqueles⁸ que ainda estão em adaptação.

Devemos atentar também para os outros tipos de leitura que são de fundamental importância para pessoas internadas em hospitais, neste caso as leituras devem ser bastante diversificadas, com um material vasto, ou seja, livros que abordem os problemas pelos quais o paciente a ser tratado está passando, uma literatura fictícia para que ele consiga fantasiar assim como as crianças e esquecer por alguns momentos o sofrimento, revistas e jornais que eles se mantenham atualizados acerca do que acontece afora etc.

Já nos casos de recuperação de delinquentes ou de doentes mentais deve ser feito algo bastante minucioso em relação à escolha do material, algo que deve contar, indispensavelmente com ajuda de profissionais da psicologia, pois são pacientes de caráter extremamente curativo.

⁸ Refere-se, neste caso, àqueles idosos que ainda não aceitaram a idade como uma consequência do tempo e ainda sentem-se rejeitados pela família, quando muitos não têm família, ou, as têm, porém são mandados para casas de repouso sem que venham a receber as tão esperadas visitas.

4 A ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO

O papel da formação para o campo de atuação profissional de Biblioterapia parece estar relacionado com a maneira como os profissionais que lidam com essa atividade a compreendem e, principalmente, com a definição que possuem sobre a mesma. O trabalho com biblioterapia, desde as origens, esteve concentrado no campo de atuação da Biblioteconomia e com o tempo passou a ser exercido por equipes de profissionais de diferentes campos de atuação. Como podemos constatar a seguir:

Desde 1914, Biblioterapia é considerada um ramo da Biblioteconomia, mas até hoje ainda há discussão sobre sua aplicação por bibliotecários. Alguns autores afirmam que cabe ao bibliotecário apenas a seleção do material. Outros concordam que os bibliotecários estão preparados para aplicar a Biblioterapia, sendo necessário apenas um treinamento especial. (SEITZ, 2000, p.22).

De acordo com Caldin (2001, p.9), “a biblioterapia constitui-se em uma atividade interdisciplinar”, portanto ela pode ser desenvolvida, em parceria, por profissionais de mais de uma área, por exemplo; os profissionais de Biblioteconomia, de Literatura, de Educação, de Medicina, de Psicologia e de Enfermagem. Complementando, temos:

[...] a biblioterapia é uma seara de atuação para o bibliotecário, porém a sua prática necessita de conhecimentos do terreno da psicoterapia; portanto essa vivência deveria ser implementada conjuntamente com psicólogos, terapeutas e outros profissionais desse ramo. Daí por que é interessante que, nas discussões travadas no âmbito dos cursos de biblioteconomia, em virtude da implantação dos seus projetos políticos pedagógicos, a biblioterapia como lócus de ação do profissional de informação (bibliotecário) também seja contemplada, de maneira a se oferecerem oportunidades aos que buscam conhecimentos sobre esta disciplina. (BENTES PINTO, 2005, p. 42)

A atuação de qualquer profissional depende de seus conhecimentos armazenados, produzidos e organizados em determinada área de conhecimento e, além disso, está inserida em um dado campo de atuação profissional. Não ocorre diferente com o bibliotecário que irá trabalhar com a biblioterapia, quando o mesmo deve ter uma bagagem estruturada do que será realizado. O

conhecimento adquirido é o maior requisito, além da flexibilidade e do espírito coletivo, pois ele deverá trabalhar em equipe, com profissionais de outras áreas, para que uma complemente a outra.

De acordo com Alston (1962, apud PEREIRA, 1996, p. 65), o médico deve saber o que espera alcançar com a leitura prescrita ao paciente indicando o tipo de leitura será de benefício, enquanto que o bibliotecário elaboraria uma lista do material utilizado, problemas tratados na biblioterapia e conhecimentos de outras histórias, a observação e a avaliação das reações e mudanças de comportamento dos pacientes.

É necessário, porém que o bibliotecário se lance a esse desafio, a essa atividade, pois vemos, hoje, que é uma prática ainda pouco divulgada, principalmente dentro do curso de Biblioteconomia. Os profissionais bibliotecários devem tomar consciência de que essa é principalmente uma atividade que sua ação profissional deve se apropriar dela. Pois ele sabe a importância da leitura e da união livro-leitor, sabe também que a biblioterapia traz benefícios inumeráveis quando bem aplicada. Assim, este profissional deve abrir a mente, inclusive, para compreender que essa atividade representa um novo campo de atuação e é de um grandioso valor, pois contribui para o alívio de diversas enfermidades e problemas. O bibliotecário poderá encontrar uma motivação diferente em sua profissão, pois é uma atividade gratificante, no sentido de ajudar o ser humano. Entretanto, para atuar na biblioterapia se faz necessário que seja capacitado para tal ou que trabalhe com uma equipe multidisciplinar. Contudo, é importante atentar para o fato de que, conforme assegura Tews (1962 apud PEREIRA, 1996, p.70) a "Biblioterapia não pode ser ensinada; a qualidade dentro da arte depende da prática e não de preceitos. Nós adquirimos conhecimento profissional através do estudo, mas a Biblioterapia, que é uma arte, deve ser aprendida por experiência".

Isso mostra que um profissional, para exercer tal atividade deve estar atento e atualizado, deve fazer muito mais que apenas terminar um curso de graduação. É necessário que este profissional se lance em educação continuada através de cursos de treinamento, especializações, mestrados, doutorados, seminários, palestras etc, são formas de se manter atualizado acerca das novas oportunidades de atuação.

4.1 Aplicações da biblioterapia

Neste capítulo serão citados e comentados algumas aplicações da Biblioterapia e seus resultados obtidos por profissionais capacitados a exercer a atividade. Serão relatadas experiências desenvolvidas com idosos, crianças e pacientes adultos internados em clínica médica.

4.1.1 Experiência com crianças

A experiência da qual iremos tratar diz respeito a atividade de Biblioterapia desenvolvida pela professora Clarice Fortkamp Caldin⁹ e os alunos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina, aplicada à crianças hospitalizadas. Um projeto chamando "Biblioterapia: programa de leitura para crianças internadas no Hospital Universitário"¹⁰.

Pelo fato de as crianças internadas estarem afastadas do lar e dos amiguinhos, achou-se adequado aplicar tal atividade para que fossem amenizados seus problemas. De acordo com os dados relatados por Caldin (2002), o objetivo primordial do projeto foi promover a leitura de histórias com fins

⁹ Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina e professora do Departamento de Ciência da Informação da mesma universidade.

¹⁰ Projeto de extensão universitária coordenado pela professora Clarice Fortkamp Caldin.

terapêuticos entre as crianças internadas. E, como objetivos secundários o favorecimento de uma identificação da criança com os personagens, a introjeção e introspecção entre as crianças em fase escolar, ajudá-las a entender melhor seus limites e frustrações, facilitar a comunicação delas com a equipe médica, diminuir a timidez, ansiedade, o estresse e as tensões diárias, e aumentar a criatividade, fazendo com que elas consigam criar um universo diferente da vida cotidiana e facilitar a socialização através da participação em grupo.

4.1.2 Experiência com idosos

Carmélia Regina de Mattos¹¹ e Márcio Pedro Carvalho Pataro de Queiroz¹² (2003) desenvolveram uma experiência de biblioterapia com os idosos do Abrigo do Salvador¹³. Foram aplicadas duas técnicas de leitura, uma individual, para os que dominavam a leitura, e outra coletiva, para os que não dominavam a leitura. Os objetivos principais a serem alcançados com a experiência era manter o idoso integrado ao ambiente social, já que as pessoas nessa idade tendem a se isolar umas das outras, cada uma em seu mundo, através da educação continuada e desenvolver a auto-estima.

Segundo Mattos e Queiroz (2003) a leitura coletiva foi utilizada para as pessoas que não dominavam a leitura ou eram impedidos de ler por causa de algum problema, como por exemplo, os portadores de deficiência visual. A atividade foi aplicada e o mais interessante foi ouvir a opinião de cada um. O pluralismo interpretativo dos comentários dos textos deixa claro que cada um pode manifestar sua verdade e ter sua visão do mundo, já que o texto abre espaço para os comentários e interpretações, propondo uma escolha de pensamentos e de comportamentos, e esse é o sentido da Biblioterapia.

¹¹ Professora do Instituto de Ciências da Informação.

¹² Concluinte do Curso de Biblioteconomia – ICI.

¹³ Encontrado no endereço eletrônico: <http://biblioteca.estacio.br/artigos/009.htm>

A leitura individual era aplicada aos indivíduos que dominam a leitura. O facilitador acompanhava o trabalho de leitura, onde foram relatados os fatos vivenciados e comentários sobre as leituras. Observando-se o interesse dos participantes, sobretudo dos idosos do sexo masculino. Foram utilizados romances, contos, poesias, histórias e revistas de atualidades, deixando claro que o idoso não está alienado do mundo e ainda possui interesses no que diz respeito ao que se passa a sua volta dentro da sociedade.

A leitura coletiva era para indivíduos que não dominavam a leitura ou eram impedidos de ler, como aos que tinham deficiência visual. A princípio, surgiu um empecilho a ser quebrado, a dificuldade de se juntarem, porém quando isso foi conseguido, ocorreu tudo como o esperado. A atividade foi aplicada e o mais interessante era ouvir a opinião de cada um. O pluralismo interpretativo dos comentários do texto deixa claro que cada um pode manifestar sua verdade e ter sua visão do mundo, já que o texto abre espaço para os comentários e interpretações, propondo uma escolha de pensamentos e de comportamentos, e esse é o sentido da Biblioterapia.

5 METODOLOGIA

A pesquisa contribui para o crescimento do homem, como profissional e como ser, pois, como afirma Máttar Neto (2002, p. 145), ela "é, ao mesmo tempo, um processo de descoberta e de invenção". No processo de pesquisa há um efeito valioso de absorção do conhecimento e de criatividade e raciocínio, de forma que o investigador questione o que lê e dentro de sua visão e experiência, possa tirar as próprias conclusões e, a partir daí, surja mais um conceito a respeito de determinado assunto.

O estudo aqui apresentado caracteriza-se como pesquisa exploratória. De acordo com Antonio Gil (1999, p.43), estas pesquisas "têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores". Assim, nosso interesse maior é obter uma visão geral acerca do assunto biblioterapia, bem como apresentar questionamentos, identificando questões pertinentes a este domínio, tais como sua existência, sua história, seus objetivos buscados e alcançados, seus métodos de aplicação e os locais adequados, bem como as pessoas que são favorecidas com o tratamento, a literatura adequada para aplicação, dentre outros tópicos. Isso tudo procura compreender, inclusive, até onde profissionais e estudantes conhecem a Biblioterapia, se é valorizada por parte dos mesmos e se acreditam que ela seja importante, bem como a capacitação do profissional bibliotecário para aplicá-la.

O delineamento da pesquisa dá-se em duas perspectivas: bibliográfica e documental. Baseando-se em Gil (1999) com relação à primeira está relacionada ao desenvolvimento da pesquisa, através de materiais como livros e artigos científicos. Já a segunda aplica-se a materiais que ainda não receberam um tratamento analítico ou que ainda podem ser aprimoradas de acordo com novas pesquisas e resultados.

Considera-se acerca da pesquisa bibliográfica que ela trata de um levantamento da bibliografia publicada sobre o assunto em forma de livros, periódicos, dicionários, guias, bibliografias, enciclopédias, material em jornal, revistas, discos, CDs etc, tendo como finalidade de colocar o pesquisador em contato com o que foi registrado sobre determinado assunto, pois a bibliografia, segundo Lakatos e Marconi (1992), oferece meios para descobrir o essencial nos problemas já conhecidos e conhecer novas áreas, formulando assim novos problemas e hipóteses.

Já na pesquisa documental estão inclusos documentos, que, segundo Mattar Neto (1999) não são encontrados em bibliotecas. E, de acordo com Lakatos e Marconi (1992, p. 43), “englobam todos os materiais ainda não elaborados, escritos ou não, que podem servir como fonte de informação para a pesquisa científica”.

O método utilizado é o indutivo, vez que se atribui de noções particularizadas acerca da Biblioterapia, tais como conceito, atuação, interação, capacitação, formação e experiências a fim de poder compreender a realidade geral pertinente a este assunto.

E, tomando o raciocínio de Lakatos e Marconi (1992) o método indutivo parte de constatações mais particulares às leis e teorias, uma conexão ascendente, caminhando assim para meios mais abrangentes no que diz respeito ao assunto estudado.

O método indutivo procede inversamente ao dedutivo: parte do particular e coloca a generalização com um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares. De acordo com o raciocínio indutivo, a generalização não deve ser buscada aprioristicamente, mas constatada a partir da observação de casos concretos suficientemente confirmadores dessa realidade. (GIL, 1999, p. 28).

A técnica utilizada para a obtenção de dados concretos acerca do assunto, foi o questionário, para que pudéssemos envolver o profissional e o acadêmico do Curso de Biblioteconomia e obter de ambos as percepções sobre a

Biblioterapia. O questionário contou de 9 perguntas, sendo que 7 foram discursivas e 2 objetivas.

O campo de pesquisa foi a Universidade Federal do Ceará e a coleta de dados foi realizada com estudantes do sexto ao oitavo semestres do Curso de Biblioteconomia e também com professores e bibliotecários da mesma. Foram distribuídos 37 questionários, sendo 20 aplicados com os estudantes, 12 com profissionais e 5 com professores. Ressaltamos que do primeiro grupo constituído pelos estudantes obtivemos apenas 50% questionários devolvidos e respondidos. Com relação ao grupo de profissionais as respostas foram de 100%, ou seja, dos 12 questionários entregues todos foram devidamente respondidos e devolvidos. No que diz respeito aos questionários entregues aos professores não obtivemos sucesso, pois não obtivemos nenhum retorno no prazo estipulado.

6 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir dos problemas de nossa pesquisa e dos objetivos propostos, passamos à análise dos dados e discussão dos resultados dos mesmos. Para esta análise estabelecemos como base as seguintes categorias¹⁴: Compreensão sobre a atividade biblioterapêutica, interdisciplinaridade entre bibliotecários e outros profissionais para a implantação de projetos biblioterapêuticos, importância da disciplina biblioterapia no currículo do curso de biblioteconomia e conhecimento das experiências biblioterapêuticas em Fortaleza.

a) Compreensão sobre a atividade biblioterapêutica:

Enquanto estudante do curso de biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, e a partir das leituras e discussões em salas de aula observamos que este campo possui um leque de possibilidades de trabalho para o profissional. Contudo temos um pressuposto de que os estudantes e profissionais deste campo nem sempre estão atentos a essas possibilidades, muitas vezes se limitando ao trabalho apenas em bibliotecas e executando atividades bastante convencionais. Então, em nossa pesquisa buscamos saber dos envolvidos quais as percepções que eles têm acerca da atividade de biblioterapia, como mais uma possibilidade para seu exercício profissional.

Do total de respostas obtidas junto aos estudantes, 90 % demonstrou certo entendimento da atividade biblioterapêutica. Fato que pode ser comprovado nas falas seguintes:

“Conjunto de métodos e práticas que vinculam o prazer da leitura à medidas terapêuticas com a finalidade de atenuar ou curar patologias”. (E5);

¹⁴ Visando resguardar o sigilo dos participantes adotamos dois códigos “E” e “B” seguido de número inteiro, para estudantes e bibliotecários respectivamente

“É um método de tratamento que se utiliza da leitura verbal e não verbal como coadjuvante no tratamento de pessoas com problemas psicológicos e ou físicos”. (E7);

“Uma terapia que se utiliza da leitura como forma de tratamento para amenizar o ma”l. (E9);

“Acho que é a leitura como modo de aliviar o sofrimento de pessoas em situação difíceis de suas vidas”. (E4).

No que diz respeito aos profissionais, também obtivemos 92% de respostas coerentes com a percepção do trabalho biblioterapêutico. Eis algumas falas:

“Uso de livros para curar, melhorar estado de doença”. (B1);

“Terapia (tratamento) através da leitura de livros”. (B3);

“Penso que biblioterapia é a arte de tratar pessoas que passam por algum tipo de problema, ajudando-os a se livrar ou pelo menos minimizar estes problemas através da utilização de livros”. (B6).

As respostas aqui apresentadas possibilitam as seguintes análises: a primeira (estudantes), diz respeito a compreensão ampliado do conceito de leitura e vem ao encontro das concepções modernas das práticas biblioterapêuticas, principalmente defendidas por Pintos (1999), Bentes Pinto (2005). Talvez esta visão seja em razão de maior contato com a biblioterapia, uma vez que no Curso de Biblioteconomia da UFC existe o projeto de extensão sobre biblioterapia e sempre estão sendo feitas divulgações através de eventos do curso e da própria UFC. Além do mais, as concepções de leitura também são bastante trabalhadas na disciplina “Teoria e prática da leitura”. Na segunda (profissionais) ao contrário, as percepções foram mais direcionadas aos livros como ferramentas de leituras biblioterapêuticas. Estas respostas podem ser, de um lado, em razão de que

esses profissionais trabalham em bibliotecas universitárias e talvez não tenham se dado conta de outras possibilidades e que, inclusive, a biblioterapia pode ser também empregada nesse espaço. De outro lado, porque em suas práticas executam atividades bastante convencionais sem que se percebam o avanço do campo de atuação do bibliotecário e a necessidade de educação continuada. Então, é natural que não possuam um entendimento amplo a respeito do assunto, prendendo-se a percepção inicial do termo biblioterapia, entendido como tratamento através da leitura de livros o que remete ao conceito tradicional proposto por Ouaknin (1996).

Em relação ao local onde um projeto de biblioterapia possa ser implementado tanto as respostas dos estudantes como as dos profissionais foram semelhantes, destacando-se em primeiro lugar hospitais, clínicas e instituições de ensino, como mostra o Gráfico-1:

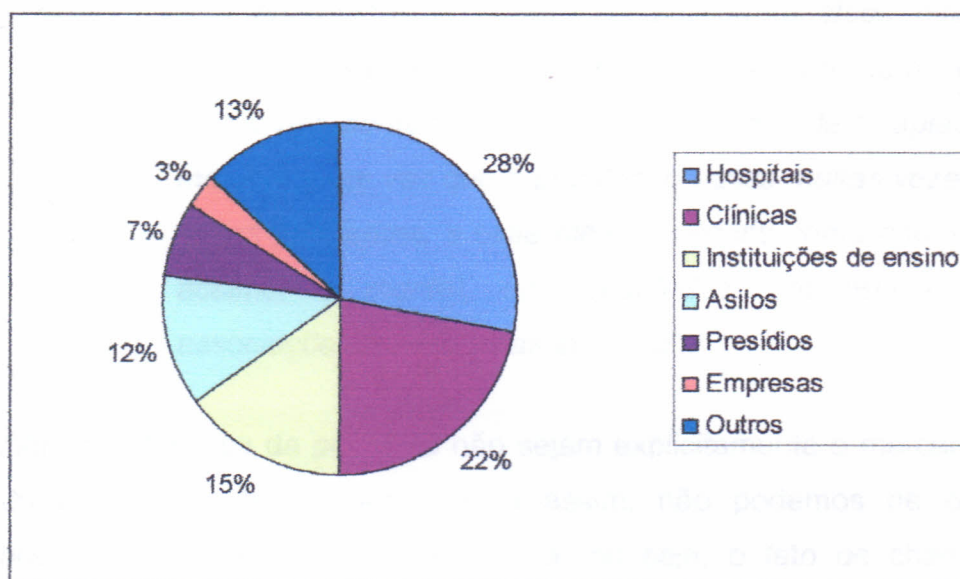


GRÁFICO 1 – LOCAIS ONDE SE PODE APLICAR A BIBLIOTERAPIA.

Entendemos que essas instituições podem ter sido apontadas em razão de que a biblioterapia se constitui em uma atividade terapêutica, cuja função é de tratar e amenizar tanto conflitos da mente como também doenças físicas. Em outra fala também ficou evidente a participação de biblioterapeutas para contribuir com a área de saúde, conforme o depoimento:

"[...] Hospitais, clínicas e outros locais que existam conhecimentos vindos de outras áreas será de grande ajuda".

(B8).

Esta fala demonstra a compreensão de que a biblioterapia se estrutura de modo interdisciplinar. Esta visão de trabalho em equipe, é uma visão atualizada e moderna do trabalho do bibliotecário que, antes era percebido e se percebia como profissional que trabalha isolado e em silêncio.

Outro fato que chama atenção nas respostas, é que os participantes além de terem indicado esses locais, também justificaram o emprego da biblioterapia como mais uma ferramenta que pode ser praticada em postos de saúde, associações comunitárias e também em bairros periféricos, onde muitas pessoas se confrontam com sofrimentos de toda natureza.

"[...] em postos de saúde de bairros (destaco que em postos de saúde deveria ter um profissional como esse, pois é nas periferias que as necessidades de terapias são maiores, uma vez que a população passa muitas vezes por sérios problemas, e esse método serviria como apoio para acalmar a mente), em faculdades, em escolas, em associações comunitárias etc.)". (E2).

Embora os objetivos da pesquisa não sejam explicitamente o mercado de trabalho do profissional bibliotecário, ainda assim, não podemos deixar registrar outro aspecto interessante desta fala, ou seja, o fato de chamar a atenção para outra possibilidade de atuação do bibliotecário fora dos ambientes tradicionais demonstrando, assim, quão aberto é o campo de trabalho para este profissional. Por outro lado, as poucas respostas apontando presídios e empresas como lugares de aplicabilidade da biblioterapia demonstram mais uma vez que os participantes ainda possuem uma visão limitada dessa atividade, talvez evidenciando a falta de divulgação da biblioterapia no seu verdadeiro sentido.

No que se refere às ferramentas utilizadas na atividade de biblioterapia, obtivemos um leque amplo e variado de respostas, como por exemplo, livros, revistas, vídeos, música, teatro com fantoches, etc. Veja-se o Gráfico-2:

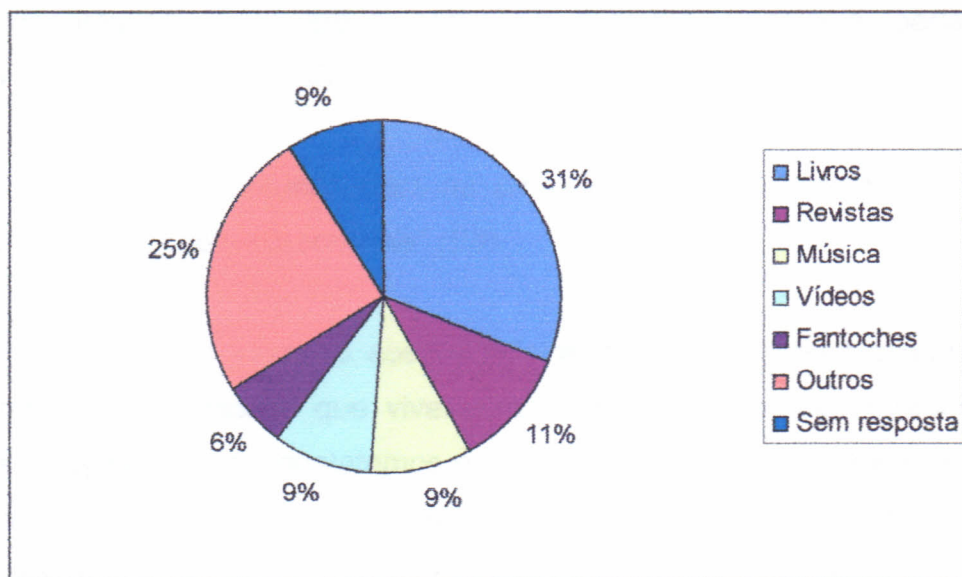


GRÁFICO 2 – FERRAMENTAS PARA APLICAÇÃO DA BIBLIOTERAPIA.

O que chama a atenção nas respostas é que 11% dos participantes afirmaram não conhecer as ferramentas que se utiliza na biblioterapia, uma vez que na própria palavra está implícita a idéia de livro. Além do mais, quando se analisou a compreensão que eles tinham sobre a biblioterapia todos enfatizaram o livro, além de outras leituras. Outros ainda apontaram dinâmicas de grupo e expressão corporal, o que nos leva a constatar o grau de entendimento da atividade e a necessidade de uma interação em sua aplicação, por todos os lados envolvidos. Isso pode ser visto na seguinte fala:

“Leitura; dinâmica de entrosamento, expressão corporal, conotação de história, etc.” (E10).

As respostas aqui apresentadas vêm ao encontro dos trabalhos de Mattos e Queiroz (2003) e Bentes Pinto (2002) que propõem que, nas práticas biblioterapêuticas sejam utilizadas outras fontes de leitura.

Há, ainda respostas que demonstram uma compreensão no que se refere à outras áreas mostrando que os participantes têm a noção de que o trabalho da biblioterapia não diz respeito às disciplinas tradicionais do campo da biblioteconomia. Muito pelo contrário, exige que o bibliotecário tenha conhecimentos de outras áreas, como por exemplo, psicologia, pedagogia e terapia como ocorre na seguinte fala:

“Conhecimentos na área de saúde, psicologia, pedagogia e biblioteconomia” (B8).

No que se diz respeito aos benefícios que a atividade biblioterapêutica pode trazer para pessoas que vivem em ambientes institucionalizados, como prisões, hospitais e etc, constatamos que, de acordo com os conhecimentos dos envolvidos, todos os participantes responderam afirmativamente sobre os benefícios da biblioterapia, o que leva a crer que é uma atividade bem aceita e considerada importante por parte dos estudantes e profissionais da área. Destacaram-se as seguintes falas:

“Por entender que a leitura estimula a sensibilidade, atenção e a criatividade, logo, poderia auxiliar na manutenção da auto-estima”. (E5);

“[...] Eles estão isolados, sem contato com pessoas, com o mundo. Através dos livros, podem sentirem-se pessoas integradas”. (E8);

“A leitura não é só um exercício intelectual, na realidade a leitura traz esperança dependendo daquilo que se lê”. (B8);

“[...] leva a pessoa a sair de uma situação de conflito e problemas para reflexões de sua situação (aumento da auto-estima)”. (B4);

“Por entender que a leitura estimula a sensibilidade, a atenção e a criatividade, logo, poderia auxiliar na manutenção da auto-estima”. (E5).

Com base nesses depoimentos compreendemos que o entendimento sobre o assunto ratifica as experiências vividas por Caldin (2001) e Fontenele et

al (2000) em seus trabalhos. A biblioterapia está voltada para o alívio de tensões causadas pela dor e pelo sofrimento, causados tanto por doenças físicas como também psíquicas. Podemos assim dizer que essa atividade é considerada de grande importância quando se trata de transmitir certo conforto e esperança para as pessoas, que, por exemplo, se encontram hospitalizadas. Levando-os a crer que seu problema não é único e permitindo-o trocar vivências e considerações. Outra remarca percebida nas respostas é que nas vivências biblioterapêuticas deve-se fazer com que os "pacientes" compreendam que eles não são os únicos a se confrontarem com problemas.

"[...] poderá transmitir ao usuário que ele não é o único a passar por esse problema e gerará uma sensação de conforto". (E7);

Procuramos saber, ainda, o grau de valorização da leitura por parte das pessoas. Neste contexto, perguntamos aos participantes se já haviam sugerido alguma leitura como fonte de alívio. Ficou comprovado que a maioria dos envolvidos na pesquisa, raramente faz esse tipo de recomendação e logo em seguida vem o percentual dos que constantemente recomendam a leitura como forma de aliviar tensões. Vejamos Gráfico-3:

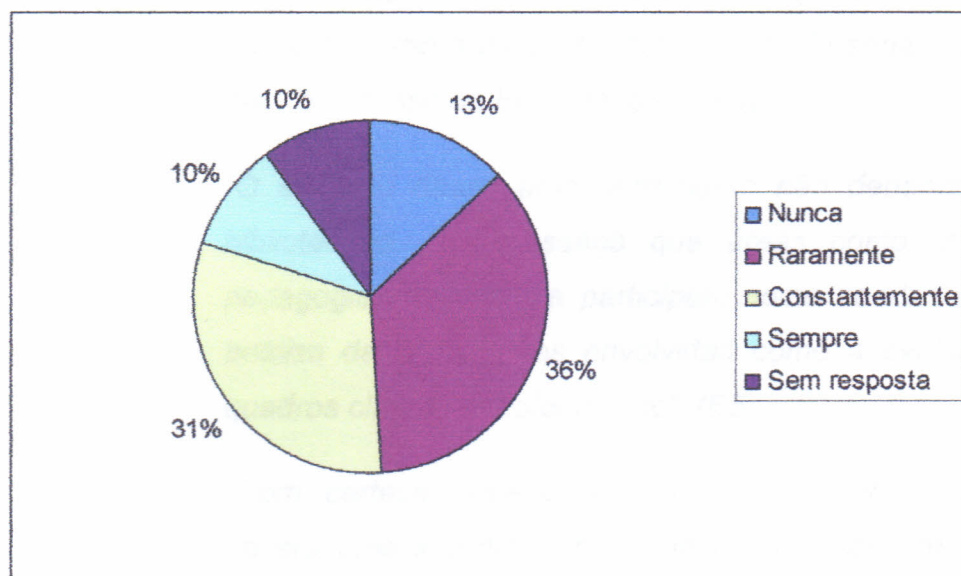


GRÁFICO 3 – LEITURA RECOMENDADA COMO FONTE DE ALÍVIO

A análise que fazemos dessas respostas demonstram que tanto os profissionais da biblioteconomia, assim como os estudantes, parecem não ter, como prática de trabalho, indicar livros ou outros objetos de leitura de ajuda a outras pessoas. Com relação aos profissionais talvez as respostas tenham sido em decorrência de sua própria atuação. Com relação aos alunos, isto pode ser decorrente da ausência ou da pouca experiência deles na área.

b) interdisciplinaridade entre o bibliotecário e outros profissionais na implantação de projetos biblioterapêuticos:

A partir das várias leituras realizadas a respeito do assunto, notamos que, em sua maioria fica evidente a necessidade de um trabalho interdisciplinar do bibliotecário com profissionais de outras áreas para a implantação de projetos de biblioterapia. Os resultados da pesquisa vêm ao encontro da literatura com 100% concordam de que a biblioterapia ocorre de maneira mais produtiva quando se trabalha com profissionais de outras áreas, por exemplo, da saúde, pedagogia e psicologia. Isto ajuda na compreensão dos conflitos enfrentados facilitando assim, a aplicabilidade do processo terapêutico da leitura. Podemos tomar por base os enunciados seguintes.

"[...] teríamos suportes de outras áreas para complementar nosso trabalho e esta interdisciplinaridade seria importante para o sucesso da Biblioterapia". (E4);

"O sucesso desse empreendimento não depende só do bibliotecário. É necessário que áreas como: medicina, pedagogia e psicologia participem como coadjuvantes da análise das dimensões envolvidas como a evolução dos quadros clínico, psicológico etc". (E5);

"Com certeza poderá contribuir no trabalho, visto que haverá uma interdisciplinaridade de diversas áreas aliada

ao conhecimento teórico do profissional da informação”.
(E7).

Constatamos, inclusive, uma crítica de um profissional em relação ao bibliotecário não ter capacidade suficiente para agir sozinho na prática. Claro que o curso de biblioteconomia pode oferecer disciplinas que venham contribuir para a efetivação da biblioterapia, porém, ainda não está consolidada no Brasil, embora já existam em alguns cursos de Biblioteconomia a referida disciplina.

“[...] A interdisciplinaridade é conveniente, pois o bibliotecário não tem formação para isso”. (B12).

É importante ter em conta que esta atividade envolve o emocional, tanto por parte das pessoas que estão enfrentando conflitos, como também por parte do bibliotecário. Então, este último também precisa de ajuda para poder estar fortalecido e ajudar o outro.

Há casos em que os participantes também se expressaram sobre os papéis e as tarefas de cada um dos profissionais envolvidos na atividade biblioterapêutica. Segundo suas observações, os bibliotecários que não possuem formação terapêutica, têm a função prática do trabalho com a leitura e, enquanto que bibliotecários terapeutas, psicólogos, e outros profissionais da saúde têm a função de avaliar e analisar a contribuição das vivências biblioterapêuticas para com os pacientes. Assim, se forma uma equipe que atuando de forma competente desenvolve um trabalho interdisciplinar.

“Estes profissionais poderiam proporcionar uma troca de experiências que contribuiriam para o sucesso da Biblioterapia tendo em vista a saúde física, mental e psicológica do paciente”. (B12);

“Os profissionais de saúde podem informar aos bibliotecários o que seus pacientes precisam. Esta parceria seria ótima e com excelentes resultados”. (B10).

c) a importância da disciplina biblioterapia no currículo do curso de biblioteconomia:

Com relação ao profissional que se forma, foi questionado se ele tem ou não capacidade para atuar como biblioterapeuta. Constatamos que, na opinião de 66 % dos profissionais envolvidos na pesquisa o bibliotecário é capacitado para aplicá-la. Ao contrário, 34% não concordam, pois, segundo suas opiniões o curso não os capacita para essa atividade, o que é verdade. Pudemos comparar esses resultados aos dos estudantes, que em 100% responderam que o bibliotecário não tem capacidade de exercê-la. Essas diferenças entre as respostas demonstram certo amadurecimento de ambos com relação ao entendimento da área, pois se sabe que no curso de Biblioteconomia da UFC não tem essa disciplina e os únicos meios de divulgação são através dos eventos.

Diante desse fato, aplicou-se o seguinte questionamento: a importância da inclusão da disciplina biblioterapia no curso e obtivemos como resultados o seguinte: dentre os estudantes, 80% afirmaram que a disciplina deveria fazer parte do currículo da biblioteconomia, argumentando que ela é importante para a abertura de novos caminhos em forma de uma nova ferramenta de trabalho. No que diz respeito aos 20 % que afirmaram não dever fazer parte do curso, eles alegam ser opção individual trabalhar nessa área. Eles também argumentaram que esta atividade é bastante ampla para se compreender e se capacitar em apenas uma cadeira ministrada durante o curso. Compreende-se aqui a visão consciente dos alunos ao reconhecer que é uma atividade séria e de amplos horizontes. Dentre os profissionais, 17% deixaram a questão em branco sem justificativa alguma. 66% concordam que a disciplina deveria ser oferecida no curso, dentre os quais podemos destacar as fala seguintes:

“O profissional da informação tem que atuar em todos os ambientes, portanto, o mesmo deve receber conhecimentos através da grade curricular”. (B7);

Falta ao profissional da informação uma formação que capacite para lutar com o psicológico/emocional de seus usuários”. (B9).

Há aqueles profissionais que não concordam com a inclusão da disciplina no curso, alegando que deveria compor uma especialização com disciplinas da psicologia. É compreensível esta visão por considerar que os profissionais aqui investigados praticam um trabalho convencional e aprenderam na universidade disciplinas basicamente técnicas, permanecendo ainda com essa visão limitada a respeito dos conhecimentos adquiridos no curso.

d) conhecimento das experiências biblioterapêuticas em Fortaleza:

O universo biblioterapêutico é bastante amplo quando se trata dos locais e do tipo de paciente a serem envolvidos. As experiências com biblioterapia têm em sua maioria resultados positivos e bastante benéficos às pessoas em situações de conflito. Procuramos aqui averiguar entre os participantes quais experiências foram de seu conhecimento, bem como seus resultados. Constatamos que apenas 22% de profissionais quanto estudantes, conhecem alguma prática biblioterapêutica. 68% não têm conhecimento e 10% não responderam. Vejamos a seguir no Gráfico-4:

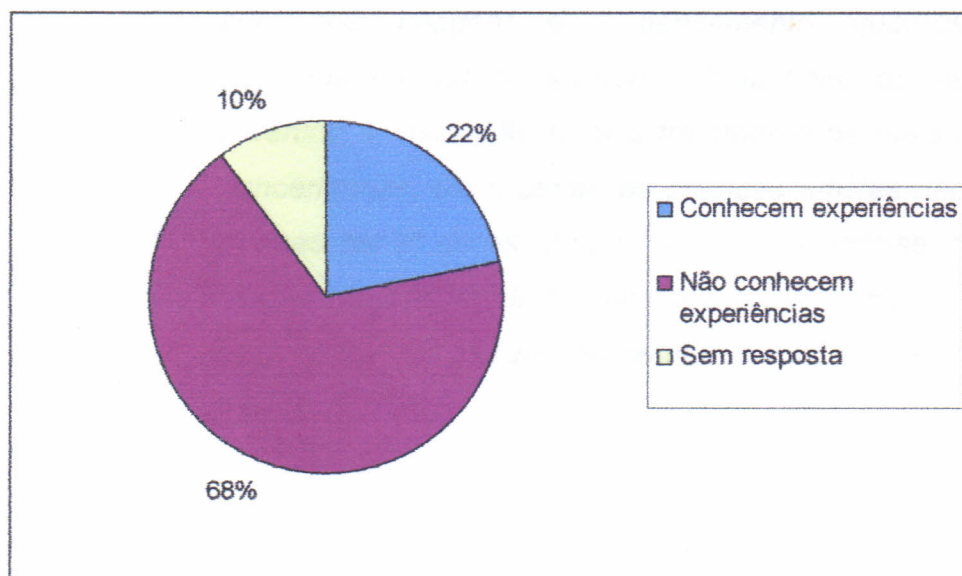


GRÁFICO 4 – CONHECIMENTO DE EXPERIÊNCIAS BIBLIOTERAPÊUTICAS.

Esta distorção de resultados pode ser decorrente da falta ou da pouca divulgação das atividades e projetos desenvolvidos, principalmente no curso de Biblioteconomia. Dentre as experiências citadas destacamos aqui o Projeto de Biblioterapia do Hospital Albert Sabin, realizado pelas Professoras Virgínia Bentes Pinto, Fátima Silva Fontenele, e mais tarde com pessoas idosas, no Lar Torres de Melo, pela professora Edna Gomes Pinheiro (atualmente na UFPB), e na “Casa de Nazaré” pelos professores Ana Maria Sá de Carvalho e Casemiro Silva Neto.

“No Hospital Infantil Albert Sabin tomando as crianças mais motivadas e gerando sensação de conforto para os pais que estão acompanhando os filhos”. (E7);

“Hospital do Menino Jesus, com crianças portadoras de câncer. Conheço um grupo de senhoras que visitam as crianças semanalmente e fazem o mesmo em outros hospitais infantis. Elas sabem que não estão ali para curar a doença fatal, mas buscam amenizar as dores e o sofrimento, ao revelar para os pequenos, estórias e contos, despertando a curiosidade e imaginação das crianças. Certa vez, algumas das crianças, sensibilizadas pelas estorinhas, começaram a pintar em telas, colorindo

contornos, imagens e o pensamento, quadros foram expostos no mundo europeu. O dinheiro da venda foi revertido à Instituição para o tratamento de mais crianças cancerígenas. De repente, as crianças artistas não faziam apenas sentir dores, mas sim empenhavam-se cada dia mais em pintar quadros e ajudar o próximo. Hoje, algumas já faleceram e o grupo de senhoras está quase desfeito". (E9).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo feito através das revisões de literatura a respeito do tema Biblioterapia, verificamos que é um campo vasto de experiência em se tratando de humanismo, pois é uma atividade terapêutica que pode ser aplicada pelo bibliotecário, em parceria com outros profissionais das áreas da saúde, psicologia e pedagogia, uma interdisciplinaridade que merece atenção e destaque. Estabelecendo assim mais um espaço de atuação para o bibliotecário, necessitando apenas de que este busque aprofundar-se nessa atividade e possa desenvolver projetos.

É notória a falta de informação a respeito da Biblioterapia por parte dos profissionais e estudantes de Biblioteconomia, apesar de os mesmos terem conhecimento do assunto, não o compreendem de forma coerente, pois no curso não é oferecida uma disciplina que trate desse assunto. As formas de divulgação dessa técnica são apenas algumas palestras ministradas eventualmente durante o curso. Cabendo aí uma reflexão em cima da idéia de haver ou não uma disciplina que trate do assunto.

Vale destacar a importância da Biblioterapia como uma atividade a ser desenvolvida para o enriquecimento dos que a aplicam e para o crescimento espiritual de quem é tratado. As trocas, nesse caso são evidentes desde que sejam vivenciadas com seriedade e até atingir os objetivos propostos desde o início do tratamento.

De acordo com as investigações aqui apresentadas chegamos ao entendimento de que a Biblioterapia merece uma atenção maior por parte de estudantes e profissionais da Biblioteconomia para que assim possa ser mais divulgada e seus benefícios sejam passados a mais pessoas.

A falta de divulgação da Biblioterapia chega a ser tamanha que há muitos alunos do curso que não sabem o que é nem como se aplica. O curso de

Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, por exemplo, não possui uma disciplina contemplando este tema, infelizmente, e nem se sabe de projetos que venham a implementá-la num futuro, porque falta, inclusive, professores capacitados para lecioná-la, salvo rãs exceções. Além da disciplina de biblioterapia, outras do campo da psicologia que viessem ao seu encontro poderiam ser contempladas e, acreditamos que isto não é inviável.

Finalmente, chamamos a atenção de que a Biblioterapia abre mais um campo de trabalho para o bibliotecário, desde que ele venha a ser capacitado para tal.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria. Helena. Hees. A aplicação da Biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. 1/2, jan./jun., p. 54-61. UNICAMP: São Paulo, 1982.

BENTES PINTO, Virgínia. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Revista Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 31-43, jan./abr., 2005. Disponível em: <<http://www.ibict.br/pbcib/viewarticle.php?id=97&layout=abstract>>. Acesso em: 29 abr. 2006.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 9. ed. Tradução Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. Encontros de Bibliotecários. **Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 12, dez. 2001. Disponível em: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_12/caldin.pdf>. Acesso em: 12 jun.2006.

_____. Biblioterapia para crianças internadas no hospital Universitário da UFSC: uma experiência. Encontros de Bibliotecários. **Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 14, out. 2002. Disponível em: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_14/clarice.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2006.

CRUZ, M. A. **Biblioterapia de desenvolvimento pessoal: um programa para adolescentes de periferia**. Dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em Biblioteconomia da PUCAMP: Campinas, 1995.

ESCARPIT, Robert. **A revolução do livro**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, [198-].

FERREIRA, D. T. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. ETD. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 35-47. jun. 2003. Disponível em: <<http://www.bibli.fae.unicamp.br/etd/biblioterapia.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2006.

FONTENELLE, Maria de Fátima Silva. et al. A biblioterapia no tratamento do câncer infantil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19.,2000, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2000. CD-Rom.

FREINET, Celestin. **Ensaio de psicologia sensível**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e suas relações com o inconsciente**. Tradução de Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisas bibliográficas, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean; SIMAN, Lana Mara. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

MATTOS, Carmélia Regina de; QUEIROZ, Márcio P. C. Pataro de. Uma experiência de biblioterapia com os idosos do Abrigo do Salvador. Instituto de Ciências da Informação, Curso de Biblioteconomia; Biblioteca Virtual – **Revista Informativa On-line**, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.estacio.br>>

MATTAR NETO, João Augusto. **Metodologia científica na era da informática**. São Paulo: Saraiva, 2002.

MILITÃO, Albigenor; MILITÃO, Rose. **Histórias e fábulas aplicadas a treinamento**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

OUAKNIN, Marc-Alain; CAMPANARIO, Nicolas Niyimi. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PARDINI, M. A. Biblioterapia! Encontro perfeito entre o bibliotecário, o livro e o leitor no processo de cura através da leitura. Estamos preparados para essa realidade?. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 4., 2002. Recife. **Anais...** Disponível em <http://www.sibi.ufrj.br/snbu/snbu2002/oralpdf/87.a.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2006.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **A Biblioterapia e leitura para a formação da cidadania com os alunos do Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha**. Projeto de Extensão do curso de Biblioteconomia da UFPB: João Pessoa, 2000.

_____. **Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas**. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

PINTOS, C.G. **A logoterapia em contos: o livro como recurso terapêutico**. São Paulo: Paulus, 1999, p.22.

RIBEIRO, Gizele. Biblioterapia: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos. **Revista Digital de Biblioteconomia e**

Ciência da Informação. Campinas, v. 3, n. 2, p. 112-126, jan./jun. 2006.
Disponível em:
<http://server01.bc.unicamp.br/seer/ojs/include/getdoc.php?id=265&article=45&mode-pdf>. Acesso em: 29 abr. 2006.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica**. 2000. 95 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

SILVA, Alexandre Magno da. **Características da produção documental sobre a biblioterapia no Brasil**. 2005. 122 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO

Prezado (a) Senhor (a),

Estamos realizando uma pesquisa cujo objetivo é estudar a importância da biblioterapia, seus benefícios e de que forma o profissional bibliotecário pode atuar como biblioterapeuta e com que tipo de “pacientes” essa atividade pode ser aplicada e seus possíveis resultados. Os dados coletados servirão de base a elaboração na Monografia de Conclusão do Curso de Biblioteconomia. Sendo assim, gostaríamos de contar com a sua colaboração, respondendo este questionário, assegurando que suas respostas serão utilizadas somente para este fim.

Atenciosamente,

Francinir Batista de Lima

Questionário

- 1) O que você compreende por biblioterapia?

- 2) Na sua opinião, em que locais o bibliotecário pode atuar como biblioterapeuta?

- 3) Você acredita que a parceria entre o bibliotecário e os profissionais das áreas de saúde, psicologia e pedagogia, pode contribuir para o sucesso da biblioterapia? Por quê?

- 4) Você acredita que o bibliotecário possui formação suficiente para atuar como biblioterapeuta?

 SIM NÃO

- 5) Quais as ferramentas utilizadas na realização das vivências biblioterapêuticas?

6) Em sua opinião, a biblioterapia pode trazer benefícios para pessoas que vivem em ambientes institucionalizados (prisões, abrigos, hospitais etc)?

SIM NÃO

Por quê?

7) Você conhece alguma experiência prática de biblioterapia e seus benefícios?

SIM NÃO

Qual?

8) Você acha que a disciplina de biblioterapia deveria ser incluída na grade curricular do curso de Biblioteconomia?

SIM NÃO

Por quê?

9) Alguma vez você já recomendou um livro como fonte de alívio para alguém que esteja enfrentando problemas de doenças ou vivenciando outras experiências conflituosas?

NUNCA RARAMENTE CONSTANTEMENTE SEMPRE